

A Lesbofobia no Pasquim: Ironia e Preconceito na Resistência à Ditadura¹

Mariana Guiciard Romano²

Teresa Cristina da Costa Neves³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender de que maneira eram vistas e representadas as mulheres lésbicas no jornal de esquerda *O Pasquim*, reconhecido como periódico de resistência à ditadura militar em vigor no Brasil entre 1964 e 1985. No acervo disponível online, foram selecionadas 8 publicações com esta temática, entre tirinhas, anedotas e cartoons, para investigação conforme o método da análise de conteúdo e sob as perspectivas dos estudos de gênero e sexualidade, bem como da noção de ironia. Após o escrutínio de todo o *corpus*, chegou-se à confirmação da hipótese de que o jornal, por meio da ironia, ridicularizava as mulheres lésbicas e suas vivências. Essa ironia, por sua vez, funcionava de maneira diferente daquela utilizada contra o governo do período, perdendo o tom de crítica contra injustiças e fixando-se em seu poder de zombar e humilhar.

PALAVRAS-CHAVE: Lesbofobia; Ironia; Imprensa Alternativa; *O Pasquim*; Ditadura Militar.

1 INTRODUÇÃO

Minorias sociais eram, e ainda o são, excluídas de discussões políticas. Somente na década de 1990 a homossexualidade foi retirada da classificação internacional de doenças. Alguns anos antes, entre 1964 e 1985, o Brasil vivia a Ditadura Militar. Em um momento de intensa luta política, essas minorias eram ainda mais negligenciadas, não só pela direita mas também pela esquerda, que, apesar de possuir posicionamentos políticos tidos como progressistas, também fora relutante em relação à aceitação da homossexualidade.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 4º semestre do curso de Jornalismo da UFJF. Bolsista do PET Facom. E-mail: guiciardmariana@gmail.com

³ Professora Orientadora. Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. E-mail: teneves@terra.com.br

A constatação decorre do estudo desta temática no âmbito do jornal *O Pasquim*, veículo da imprensa alternativa considerado o maior expoente de resistência àquele regime arbitrário, a partir de conteúdo colhido no acervo digitalizado do periódico. A escolha do material para análise foi feita levando-se em consideração o objetivo da pesquisa: estudar de que maneira eram vistas e representadas as mulheres lésbicas pela imprensa de esquerda no período ditatorial. Por essa razão, escolhemos o jornal Pasquim, principal nome da imprensa alternativa da época.

As hipóteses que nortearam o estudo partiram da conjectura de que o jornal, por meio da ironia, ridicularizava as mulheres lésbicas e suas vivências. Essa ironia, por sua vez, funcionava de maneira diferente daquela utilizada contra o governo do período, perdendo o tom de crítica contra injustiças e fixando-se em seu poder de zombar e humilhar. Entendemos, assim, que o preconceito preponderava sobre a ideologia, mesmo em um jornal que se alinhava ideologicamente à esquerda, mostrando que posições ideológicas vistas como progressistas não são necessariamente isentas de preconceito.

Para a seleção dos textos no acervo digital do periódico, foram utilizadas as palavras-chave “Lésbica”, “Lésbicas” e “Sapatão”, sendo a terceira uma maneira pejorativa de se referir a mulheres lésbicas. Após um primeiro contato com o material e sua separação em diferentes categorias, selecionamos para este estudo a categoria tirinhas/anedotas/cartoons, uma vez que essas conformaram uma linguagem popular e de fácil comunicação com os leitores do jornal, sempre acentuando o tom irônico que caracterizou aquela publicação.

A metodologia utilizada para a análise do material foi a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), por meio da qual buscamos compreender o conteúdo preconceituoso e conservador que se supunha estar por trás das mensagens veiculadas pelo jornal.

Segundo Bardin (1977, p. 31-34, 42), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que busca obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores de conhecimentos relativos às condições de produção ou recepção destas mensagens. Assim, busca-se efetuar deduções lógicas e justificadas referentes à origem dessas mensagens, levando em consideração seu emissor, contexto e, em alguns casos, seus efeitos. O interesse, porém, não é a descrição dos conteúdos em si, mas sim o que eles podem revelar após serem descritos e analisados.

1.1 O PASQUIM

O Pasquim foi um semanário alternativo brasileiro que circulou de 1969 a 1991, conhecido principalmente por seu tom irônico e de oposição à ditadura militar. Surgia naquele que seria considerado o momento mais severo da ditadura, com o proclamação do AI-5 em dezembro de 1968 e a posse de Emílio Garrastazu Médici em outubro de 1969. Em 22 anos de duração o jornal publicou 1072 edições.

Formado por um grupo de jornalistas já renomados, o jornal não possuía uma redação convencional. Os membros reuniam-se como amigos, muitas vezes em bares, o que acabou por ditar seu tom informal, um dos fatores do seu sucesso. Por não possuir um editor-chefe, os jornalistas muitas vezes escreviam aquilo que os interessava.

O Pasquim já surgiu grande, estabilizando 225 mil exemplares com apenas 7 meses de existência (KUCINSKI, 2003, p. 210). A comunicação direta com seus leitores, feita principalmente através da seção de cartas, respondidas de forma irônica pelos jornalistas, aproximava o leitor do jornal. Dessa forma, o pasquim tornou-se um estilo de vida.

O crescimento do Pasquim, porém, não agradava a grande imprensa, os grupos conservadores e o governo ditatorial. Em novembro de 1970, todos os jornalistas presentes na redação, menos Tarso Castro, que conseguira escapar, foram presos pelo DOI-CODI (KUCINSKI, 2003, p. 218). A censura também foi um empecilho para o jornal. De início irregularmente e, pouco mais tarde, com o jornal precisando submeter-se à censura prévia, que seria retirada somente em 1975. Apesar de tudo isso, o jornal conseguiu firmar-se como um símbolo de resistência.

Com o surgimento de outros jornais alternativos e a reabertura política, porém, o Pasquim perdia seu monopólio. Além disso, já possuía um grupo muito diferente daquele original, com as disputas políticas internas aumentando progressivamente. Desse modo, após algumas tentativas de Jaguar e Ziraldo de reerguerem o jornal, ele é oficialmente dissolvido em 1991 (KUCINSKI, 2003, p. 228-230).

O Pasquim revolucionou quase tudo. Politicamente progressista e notável propagador da boêmia carioca, conhecida como um espaço liberal nos costumes, o jornal falava abertamente de sexo, usava palavrões, criava palavras que iriam fixar-se no vocabulário de seus leitores e pregava a recusa do tradicionalismo (KUCINSKI, 2003, p. 210-216).

Segundo Bernardo Kucinski (2003, p. 209), o *Pasquim* propagou, a partir da zona intelectual-boêmia do Rio, uma contracultura sintetizada no conceito do “anti-carecismo”, repudiando o conservadorismo e a repressão. Inspirados na contracultura norte-americana e no existencialismo, a liberdade era cultuada pelos jornalistas.

Kucinski (2003, p.90) explica que, em contraste a tanta repressão política por parte do governo ditatorial, havia pouca repressão ao consumo de drogas. Desse modo, o consumo de maconha e LSD tornou-se comum entre os existencialistas, entre eles os jornalistas do *Pasquim*.

Entretanto, em meio a toda essa liberdade, parecia haver temas que ainda incomodavam. Apesar de politicamente progressista e notável propagador da boêmia carioca, conhecida como um espaço liberal nos costumes, o jornal ainda possuía um teor conservador, direcionado principalmente contra mulheres e homossexuais.

“Paradoxalmente, *O Pasquim* era machista, fazendo do feminismo e do homossexualismo objetos de chacota e provocação, outra influência da revista *Playboy*, que considerava homossexualismo uma aberração, e o feminismo uma ameaça ao romantismo nas relações amorosas. Os dissidentes d’OPINIÃO, fundadores de Beijo⁴, denunciariam *O Pasquim* como falsamente libertário na questão do homossexualismo.” (Kucinski, 2003, p. 215)

Segundo James Green (2003, p. 16), a esquerda latino-americana demorou a compreender o surgimento dos movimentos gay e lésbico, ficando presa a valores religiosos antigos e uma ideologia conservadora desenvolvida após a revolução Russa, em 1917. Desse modo a homossexualidade era vista como um produto comportamental da burguesia decadente.

São muitas as tentativas de justificar a relutância da esquerda em aceitar a luta homossexual. Green (2003, p. 36) explica que uma delas é a composição multiclassista do movimento LGBT. Essa composição, segundo alguns marxistas, poderia defender propostas pouco compatíveis com os interesses da classe trabalhadora.

Essas justificativas, todavia, parecem contraditórias quando aplicadas ao *Pasquim*, tão favorável à liberdade individual. É importante lembrar, entretanto, o valor que o jornal dava à figura do “macho”, estereótipo do homem violento, pouco sentimental

⁴ O alternativo *O Beijo* circulou entre 1977 e 1978 no Rio de Janeiro, reunindo intelectuais e escritores cariocas. Foi um jornal político-cultural e, alinhado à teorias de vanguarda, fazia diversas críticas à esquerda tradicional. (KUCINSKI, 2003)

e que se relaciona com várias mulheres. Esse seria o total oposto do estereótipo do homem gay.

Kucinski (2003, p. 124) também explica que o Pasquim propagava muito do pensamento da revista Playboy, que tratava mulheres como objeto e condenava o feminismo, tratando-o como “frustração sexual”. Desse modo, mulheres lésbicas seriam desviantes do sistema e, conseqüentemente uma ameaça, como explica Adrienne Rich (2012) em seu conceito de heterossexualidade compulsória.

Se por um lado o jornal usava do humor para denunciar o abuso de poder das autoridades e condenar a classe média conivente, por outro, utilizava do mesmo tom irônico para atacar grupos que sofriam ataques tanto do poder vigente quanto daqueles que o condenavam. É notável que, mesmo em setores entendidos como progressistas, ainda existiam inúmeras marcas do conservadorismo que feriam a liberdade e o direito de existir de diversos indivíduos.

2 DESENVOLVIMENTO

A análise do conteúdo estudado se deu da seguinte forma: primeiramente, o material foi analisado separadamente para que, posteriormente, fosse possível desenhar um panorama da forma como eram representadas as mulheres lésbicas no jornal.

Edição 475

A fotonarrativa⁵ mostra, inicialmente, dois personagens: um homem e uma mulher jovens. Há um narrador observador que descreve as cenas. Os dois seguram bananas, em evidente referência ao órgão sexual masculino, enquanto flertam um com o outro. O texto-legenda diz que a “fêmea da espécie” exala um aroma destinado a atrair o “macho”. A narração faz menção, em forma de metáfora, ao momento do intercuro sexual, após um ritual de acasalamento onde o homem dança para a mulher.

O narrador explica, então, que podem haver outros homens querendo fazer sexo com aquela mulher, que será disputada. Nesse momento outro homem aparece, aparentemente enciumado pelo fato de a mulher estar se relacionando com outro. Enquanto ela tenta se justificar, o homem com quem ela está sugere que eles resolvam a situação de maneira civilizada. Todavia, a narrativa sugere que, ao invés de uma conversa

⁵ Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/124745/16937>

ou uma briga, os dois homens acabam também por fazer sexo. O narrador então aponta que “cientistas observaram que não é incomum a homossexualidade entre bananas”. A tirinha termina com um pensamento da mulher: “depois a gente adere ao feminismo e eles vão e nos chamam de ‘sapatão’”.

A observação final do narrador, após os dois homens ficarem juntos, apresenta dois pontos relevantes. Primeiramente, supõe que apenas mulheres frustradas ou abandonadas por seus parceiros iriam aderir ao feminismo. Em segundo lugar, insinua que feministas são necessariamente lésbicas. Desse modo, lésbicas seriam mulheres frustradas que se dirigem à outras mulheres por não serem alvo do interesse masculino.

Segundo Adrienne Rich (2012, p. 42), uma das camadas da heterossexualidade compulsória é a implicação de que algumas mulheres buscam se relacionar com outras mulheres por alimentarem um suposto ódio pelos homens.

As comunidades discursivas⁶ também são muito importantes nesse caso. Apesar de ser facilmente compreendida por uma mulher lésbica, a ironia da fotonarrativa dificilmente será aceita como cômica ou mesmo aceitável por esta, uma vez que seu objetivo é o de depreciar um certo grupo, as mulheres lésbicas.

Fica perceptível, aqui, a função agregadora da ironia, em que ironista e interpretadores, fazendo parte da mesma comunidade discursiva, excluem a plateia. Desse modo, mesmo que a plateia compreenda o tom irônico, dificilmente irá aceitá-lo da mesma maneira que outros interpretadores, já que é alvo do mesmo.

Edição 547

O olhar do leitor é logo atraído para o desenho de um tronco feminino, localizado acima do texto, que possui, no lugar da cabeça, um sapato. Após a leitura do título “Reportagem Tavares Internacional: entrevista exclusiva com uma lésbica inglesa”, percebemos que a imagem⁷ faz referência a uma mulher lésbica ou “sapatão”, sentido sugerido também pelo sapato.

Os diálogos são em inglês, possuindo alguns erros propositais, além de termos com conotação sexual. Tavares, heterônimo de Ivan Lessa, inicia a conversa fictícia perguntando o motivo daquela mulher “ficar” com outras mulheres, e ela responde que o

⁶ Segundo Hutcheon (2000), as comunidades discursivas são os agrupamentos de pessoas em diferentes grupos, como raça, classe, gênero, religião, profissão, entre outros, que permitem o compartilhamento cultural. A ironia seria mal interpretada ou afetaria o receptor de forma negativa quando este for de uma comunidade discursiva diferente do emissor do texto.

⁷ Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/124745/20338>

faz porque gosta, assim como a mulher com quem ela se relaciona. Tavares pergunta, então, que mensagem ela daria às lésbicas brasileiras. Ela responde que se elas forem para a Inglaterra, também poderão fazer sexo com ela.

Em seguida, o jornalista pergunta se poderia “depositar o bing-bing” dele “ali”. Em resposta, a mulher diz para ele usar o cinzeiro. Fica-se inicialmente subentendido que bing-bing seja a cinza ou a ponta do cigarro. Entretanto, ele questiona se “isso é um cinzeiro”. Antes de finalizar a resposta negativa, a mulher expressa dor, o que pode significar que ele tentou ter relações sexuais com ela sem o devido consentimento.

Percebe-se, com essa tirinha, a zombaria direcionada às mulheres lésbicas, principalmente pelo uso do sapato remetendo ao termo “sapatão”. Notamos, também, que enquanto o corpo da mulher apresenta curvas “femininas”, vestido com roupas tradicionais, o sapato em sua cabeça possui uma aparência mais “masculinizada”. Esse contraste parece indicar que o fato dela ser lésbica “está na cara”. A falta de um rosto no desenho sugere que a única característica relevante daquela mulher é ser lésbica, retirando sua individualidade e tornando-a, desse modo, alvo do riso, já que ela não mais representa uma pessoa, mas algo considerado um “defeito”, um desvio e, dessa forma, não mais digna de empatia. Segundo Bergson:

O cômico [...] dirige-se à inteligência pura; o riso é incompatível com a emoção. Mostrem-me um defeito por mais leve que seja: se me for apresentado de modo a comover minha simpatia, ou meu temor, ou minha piedade, acabou-se, já não há mais como rir dele. Escolha-se, pelo contrário, um vício profundo e mesmo, em geral, odioso: ele poderá tornar-se cômico se, mediante artifícios apropriados, conseguir-se que eu fique insensível. (BERGSON, 1983, p. 67)

Além disso, nota-se que a sexualidade da “entrevistada” é ignorada quando o suposto entrevistador tenta fazer sexo com ela. Mais uma vez, notamos a ausência de empatia em relação à mulher, tratando-a como um objeto sexual.

Edição 554

Página 6

O cartoon⁸ mostra dois homens em um diálogo. O primeiro deles, com um panfleto contendo o título “Programa do PDS” fala: “Ué, até a ARENA⁹ virou sapatão”. Em resposta, o segundo ri e acrescenta: “É mesmo rapaz! Mudou para um nome masculino e está querendo parecer exatamente o inverso do que era”.

⁸ Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/124745/20650>

⁹ ARENA foi um partido brasileiro que dava sustentação política para a ditadura, sendo fundado em 1966 em razão da implantação do bipartidarismo. Em 1979, com a volta do pluripartidarismo, foi rebatizada de Partido Democrático Social (PDS).

As arestas avaliadoras¹⁰ da ironia estão muito visíveis no cartoon, principalmente no contraste entre a mudança de nome do partido e a possibilidade de “virar sapatão”, trocando de sexualidade como se troca o nome de um partido político. Além disso, percebemos a reafirmação do estereótipo da mulher lésbica como masculina ou como alguém que anseia por ser do sexo masculino. Desse modo, sugere-se que a mulher lésbica, assim como a Arena, quer parecer ser aquilo que não é. A crença da mulher lésbica como “masculina” vem do pensamento de que existe a coerência entre um sexo e um desejo, indiscutivelmente heterossexual, explicada por Judith Butler em sua obra.

“O gênero só pode denotar uma unidade de experiência, de sexo, gênero e desejo, quando se entende que o sexo, em algum sentido, exige um gênero — sendo o gênero uma designação psíquica e/ou cultural do eu — e um desejo — sendo o desejo heterossexual e, portanto, diferenciando-se mediante uma relação de oposição ao outro gênero que ele deseja. A coerência ou a unidade internas de qualquer dos gêneros, homem ou mulher, exigem assim uma heterossexualidade estável e oposicional.” (BUTLER, 2003, p. 45)

Página 10

A imagem¹¹ acompanha uma reportagem sobre mulheres lésbicas e a lesbianidade. Na chamada para a reportagem, *O Pasquim* aponta que a mesma não busca nenhum sensacionalismo, dizendo ouvir diferentes grupos para compreender o que os mesmos pensam sobre o assunto. Assim, o texto é composto por opiniões de um sociólogo, um padre, uma líder feminista, um psiquiatra, um cientista, uma mulher da alta sociedade que se viu envolvida em uma relação lésbica, uma lésbica do Rio de Janeiro e uma casal de lésbicas de São Paulo. O jornal insere a palavra “casal” entre aspas, evidenciando sua crença de que duas mulheres não podem formar um casal. Eles explicam então que, sendo uma realidade social, a questão deve ser analisada de frente, para que se possa entender se se trata de algo normal ou um problema.

O título da reportagem é posicionado sobre a imagem e faz um jogo com a linguagem. A intenção é que o leitor compreenda que, inicialmente, o título era “Lésbicas: onde, como e por que?”. Entretanto, a palavra “como” fora riscada e substituída por “comem”. Substituição que, obviamente, faz referência ao ato sexual.

A expressão, todavia, também é muito utilizada, particularmente na linguagem telejornalística, para introduzir criaturas exóticas. Assim, quando relacionada com os

¹⁰ A aresta avaliadora é o sinal de que a ironia sempre tenta mostrar algo mais do que diz, sem necessariamente dizer o contrário, mesmo que possível.

¹¹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/124745/20654>

textos, que parecem tentar compreender as mulheres lésbicas, fica claro que a frase utilizada busca colocar as mulheres lésbicas como incomuns ou desviantes.

Há, também, um jogo de preto e branco, com sombras cinzas, que parece indicar as oposições entre os sexos e um lugar intermediário, cinzento, ocupado pelas mulheres lésbicas.

A silhueta da mulher em pé aparece quase sem curvas, como se o cartunista buscasse representar um corpo andrógino, o que nos remete o estereótipo criado sobre a aparência lésbica. Além disso, há na imagem um movimento que sugere algum tipo de “ataque” direcionado à segunda personagem que, sentada na cama, parece buscar se proteger.

O principal ponto nesse caso é a forma como o jornal trata as lésbicas como criaturas exóticas, visto tanto na chamada da matéria quanto na necessidade declarada de “compreender” essa sexualidade sob diferentes visões. Além disso, a perversidade atribuída à personagem de pé, que parece prestes a atacar a outra, remete à ideia de que a mulher lésbica seria perigosa. Segundo Adrienne Rich, essa é uma das faces da heterossexualidade compulsória, em que “a experiência lésbica é percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou a ser simplesmente apresentada como invisível” (RICH, 2012, p. 21).

O uso do verbo “comer” também aproxima a homossexualidade feminina à ideia de saciar o apetite sexual, um sentido, tradicionalmente, atribuído ao universo masculino. Desse modo, mais uma vez, percebemos a comparação das mulheres lésbicas com os homens. Entretanto, como os tons cinzentos da imagem parecem indicar, elas seriam sempre o “intermediário”.

Página 11

O cartoon¹² é curto, com apenas uma cena, e também acompanha a reportagem. Dois personagens, aparentemente os pais, olham preocupados para uma criança, a filha, que beija uma boneca na boca. O homem, então, diz: “Isso é jeito de se brincar de boneca? Acho que nossa filha quando crescer vai ser sapatão”.

O sentido de desvio, neste caso, pode ser visto na interrogação. Quando indaga, de maneira indignada, se aquela é a maneira correta de brincar de boneca, o pai condena a atitude da filha.

¹² Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/124745/20655>

O cartoon também acompanha o conteúdo sobre mulheres lésbicas já citado anteriormente, mais especificamente o texto com as “lésbicas paulistas”. Nessa entrevista, assim como na entrevista com as “lésbicas cariocas”, duas mulheres lésbicas contam suas vivências. O tom é mais informal que nas entrevistas com profissionais, parecendo querer deslegitimar os discursos e as vivências dessas mulheres. Monique Wittig (1992), em seu ensaio *O Pensamento Hétero*, chama a atenção para o poder que os discursos científicos têm de, tomando como certo que a base de qualquer sociedade é a heterossexualidade, classificar como menos importante as vivências não heterossexuais.

Além disso, durante todo o texto, o jornal apresenta ao leitor a ideia de que mulheres lésbicas desviam da heterossexualidade por decepção ou medo dos homens. O cartoon tem a função de destacar e reafirmar a visão segundo a qual a inclinação para outra sexualidade se dá em razão de determinados comportamentos.

Página 13

O cartoon¹³ ocupa a mesma página que a entrevista com as “lésbicas cariocas”. Com apenas uma cena, ele é ambientado em uma praia e possui três mulheres fazendo topless, estando uma mais próxima do leitor enquanto as outras encontram-se no fundo do desenho, conversando sobre a primeira. Enquanto a personagem da frente fuma um cigarro, as outras comentam que “As lésbicas, também, aderiram ao topless, mas com uma diferença, ela usam cueca zorba”.

A praia remete o leitor ao ambiente do Rio de Janeiro, uma vez que o cartoon está localizado na mesma página que a entrevista com as lésbicas cariocas. A fala da mulher localizada no fundo do desenho, por sua vez, é mais um exemplo dos estereótipos atribuídos às mulheres lésbicas. A mulher em primeiro plano e à qual se refere o comentário é representada com símbolos masculinos, como se almejasse ser um homem ou não pudesse ser “tão mulher” quanto as outras.

Por romper com a coerência criada socialmente entre sexo, gênero e desejo, conforme descrito por Judith Butler (2003, p. 38-45), ela não poderia mais ser vista pela sociedade como uma mulher. Em sua obra *O Pensamento Hétero*, Monique Wittig (1992) considera que a lésbica não é uma mulher, pois rompe com toda a narrativa e estrutura heterossexista criada sobre o que significa ser uma mulher.

Página 14

¹³ Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/124745/20657>

O cartoon¹⁴ ocupa a mesma página que a conversa do jornal com o psiquiatra. Nele, dois personagens conversam, sendo o primeiro um médico e o segundo o seu possível paciente. Pela placa localizada no consultório, descobrimos que o médico é um obstetra. Esse fato, além da maneira como os dois olham surpresos para a barriga do paciente, que se assemelha a de uma gestante, sugere que ele espera um bebê. O paciente, então, diz: “Pois é Dr, quando a minha mulher resolveu assumir, há uns 8 meses, eu não levei a sério, mas agora...”.

A fala do homem indica que sua gestação ocorreu em decorrência da sexualidade de sua esposa, que teria assumido, por ser lésbica, o “papel masculino” na relação. Mais uma vez, podemos aplicar o pensamento de Judith Butler (2003) e considerar que a coerência socialmente criada entre gênero, sexo e desejo fora, nesse caso, quebrada. No cartoon, quando essa estabilidade é danificada, nesse caso em relação à sexualidade/desejo, percebemos o surgimento da necessidade de alterar também os outros dois pilares.

Com isso, notamos a implicação de que são necessários dois papéis opostos em uma relação. Quando a mulher assume o “papel do homem”, este precisaria assumir o “papel da mulher”, mantendo assim as noções binárias homem/mulher e masculino/feminino. Mais uma vez, reitera-se no cartoon o estereótipo da mulher lésbica como uma “não-mulher” ou alguém que busca ser do sexo masculino.

É importante contextualizar toda a edição 554, uma vez que ela tinha a lesbianidade como um dos principais assuntos. Sua capa, em preto e branco, possuía apenas o título “lésbicas” em caixa alta e na cor vermelha. A capa também estampa a chamada “Pasquim faz o serviço completo”, que parece mostrar que o jornal iria explicar a lesbianidade. O discurso da heterossexualidade compulsória é notável aqui, como se o jornal fosse apresentar ao público uma sexualidade exótica, desviante do padrão. Entretanto, também podemos remeter essa escolha de palavras à ideia popular de que relações sexuais heterossexuais seriam mais completas que entre mulheres lésbicas.

É importante, para compreender todo o material, entender a maneira como a mulher lésbica foge das normas de gênero. Segundo Judith Butler (2003, p. 57), essas normas servem para garantir que exista uma única interpretação dos conceitos de gênero, sexo e

¹⁴ Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/124745/20658>

sexualidade, sendo a heterossexualidade segura em razão da existência das oposições binárias macho x fêmea, homem x mulher, masculino x feminino, entre outras.

Butler (2003, p. 39) explica, então, que seguindo essas normas de gênero, certas sexualidades não deveriam existir. A heterossexualidade seria a norma e qualquer sexualidade que difere desta, desviante.

Além disso deve-se pensar, também, nas estratégias utilizadas pelo jornal, tanto discursivas quanto imagéticas, para abordar a lesbianidade. Apesar de buscar seriedade, apresentando discursos de profissionais, o jornal sempre utiliza um tom de humor, principalmente nas tirinhas e anedotas que acompanham os textos. Segundo Bergson (1983, p. 43 e 67), o riso é um gesto social que ressalta e reprime desvios dos homens buscando a correção dos mesmos, sendo conservador e, muitas vezes, referente aos preconceitos de uma sociedade. Assim, o Pasquim zombava da lesbianidade por compreendê-la como desviante.

As “arestas avaliadoras da ironia”, mencionadas por Linda Hutcheon (2000) como o sinal de que a ironia sempre busca mostrar algo mais do que diz sem, necessariamente, dizer o contrário, são notáveis nos textos. Os jogos de linguagem, como no título da série de reportagens sobre mulheres lésbicas e a comparação da lesbianidade com a mudança de nome do partido político são exemplos disso. Hutcheon (2000) aponta que essas arestas funcionam dentro de um jogo em que o ironista propõe algo sendo ou não recebido de forma satisfatória. Os textos do jornal, mesmo que apresentados, dificilmente seriam entendidos como cômicos por uma mulher lésbica, uma vez que para rir é preciso cumplicidade, como mostra Bergson (1983, p. 8). Conforme o autor, o cômico surgirá apenas quando pessoas reunidas em grupo dirijam sua atenção a uma delas, calando a sensibilidade. (BERGSON, 1983, p. 9)

Edição 606

A anedota¹⁵, escrita por Jaguar, é composta de um pequeno diálogo que, de acordo o título, foi ouvido pelo jornalista em um bar do Baixo-Leblon. A primeira fala é um questionamento de um dos personagens, que pergunta ao outro o que ele fará quando ficar sexualmente impotente. O segundo personagem, então, responde que irá recorrer às lésbicas, uma vez que o pênis não ereto dele seria maior que o clitóris das cantoras da

¹⁵ Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/124745/23089>

Música Popular Brasileira. O Pasquim costumava dizer que, para uma fazerem sucesso na MPB, as mulheres precisavam ser lésbicas.

Alguns pontos devem ser ressaltados nessa anedota. Primeiramente, a zombaria direcionada às mulheres lésbicas, colocando-as como inferiores aos homens heterossexuais. Em segundo lugar, a negação da sexualidade dessas mulheres, quando os homens dizem que irão se envolver com elas, ignorando o fato de as mesmas não se relacionarem com homens. A anedota atualiza o sentido de que a escolha de parceria sexual é uma prerrogativa masculina, a quem caberia sempre as escolhas, mesmo que a “escolhida” não esteja interessada.

Há, também, a afirmação de um estereótipo, muito disseminado pelo Pasquim em diversos outros textos, de que a sexualidade é um determinante para o sucesso das mulheres na MPB, que é revelada como um reduto da homossexualidade feminina. Essa informação, por sua vez, é fundamental para a compreensão do significado irônico da anedota. Desse modo, leitores usuais do jornal provavelmente teriam mais sucesso na compreensão do sentido irônico em razão das comunidades discursivas. Em seu livro, Hutcheon explica a importância das comunidades discursivas para a compreensão do contexto irônico.

Não é que a ironia cria comunidades ou grupos fechados, em vez disso, eu quero argumentar que a ironia acontece porque o que poderia ser chamado de ‘comunidades discursivas’ já existe e fornece o contexto tanto para o emprego quanto para a atribuição da ironia. Todos pertencemos simultaneamente a muitas dessas comunidades de discurso, e cada uma delas tem suas próprias convenções restritivas (Hagen, 1992: 155), mas também capacitadora. (HUTCHEON, 2000, p. 37)

3 CONCLUSÃO

Toda a análise do *corpus* separadamente deixou transparecer semelhanças entre as tirinhas, revelando um padrão na forma como o jornal retratava as mulheres lésbicas. Assim como foi pensado na hipótese, o tom de ironia característico do jornal é muito presente, sendo a estratégia utilizada pelos jornalistas para zombar das mulheres lésbicas.

Algumas questões devem ser pontuadas. Em apenas um caso, sendo este o da edição 547, uma mulher lésbica tem falas. Mesmo que fictícios, em todos os outros, além de alvo da zombaria, essas mulheres são silenciadas. Ao serem retratadas sempre de uma visão externa, seja por personagens, seja por um narrador, sem efetiva participação nos

diálogos, estas tornam-se menos passíveis de empatia por parte do leitor, o que facilita o riso.

Esse distanciamento fica especialmente evidente na edição 554 que, ao buscar “estudar” as mulheres lésbicas, coloca-as como exóticas, fora daquilo considerado normal.

Além disso, em quatro dos oito casos estudados, nas ilustrações 2, 3, 4, e 6, notamos a propagação do estereótipo de que lésbicas querem ser homens ou a representação delas por meio de símbolos socialmente vistos como masculinos.

A visão do “macho”, muito cultuada pelo jornal, também é evidente em alguns momentos. Na edição 606, na ilustração 8, os dois personagens da anedota acreditam ser superiores às mulheres lésbicas por possuírem um pênis. Já na edição 554, na ilustração 7, a masculinidade do personagem fora afetada devido a sexualidade de sua mulher, que teria causado uma inversão dos “papéis” na relação.

Em diversos casos é necessário que o leitor esteja ciente do contexto das tirinhas para que consiga compreender o sentido irônico, mostrando a importância das comunidades discursivas para o êxito dessa estratégia discursiva. Desse modo, entendemos que o jornal se dirige diretamente a seu público, já familiarizado com seu conteúdo.

Por fim, percebemos que a política transideológica da ironia fica muito visível quando pensamos em tudo que *O Pasquim* representou. O jornal foi muito importante para a época, marcando uma geração e opondo-se explicitamente à ditadura militar. Essa oposição, por sua vez, era muitas vezes feita com auxílio do discurso irônico. Todavia, esse mesmo discurso, como foi apresentado neste trabalho, também era utilizado apenas para humilhar grupos já oprimidos pela ideologia dominante.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERGSON, H. **O riso**: ensaio sobre a significação da comichade. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 1ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

GREEN, James Naylor. **A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina.** Cad. AEL, v. 10, n. 18/19, 2003.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia.** Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa.** São Paulo: Edusp, 2003.

RICH, A. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica.** Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

WITTIG, Monique. **The Straight Mind and other Essays,** Boston: Beacon, 1992